

# Escola de

Cerca de 5 mil “inimigos” da ditadura militar argentina foram sequestrados e levados à Esma, que formava técnicos e suboficiais e escondia um centro clandestino de tortura. Só 5% sobreviveram

POR Roxana Tabakman DESIGN Tereza Bettinardi ILUSTRAÇÃO IndioSan

**D**ez de agosto de 1979. Mais um dia normal de aulas para milhares de jovens entre 15 e 25 anos que moram na Escola de Mecânica da Marinha, em Buenos Aires. A Esma (sigla em espanhol) forma técnicos em eletrônica, aeronáutica, meteorologia, oceanografia e mecânica naval e prepara aqueles interessados em seguir a carreira militar. Antes do intervalo para o almoço, no caminho arborizado à frente do complexo de edifícios, um carro chega com uma nova entrega. No piso do banco de trás está o ativista social Víctor Bastera, 25 anos. Ele tem as mãos amarradas e a cabeça coberta por um capuz, que raras vezes poderá tirar nos anos seguintes de suplício. Sua mulher e a filha de 2 meses foram levadas à força de casa pouco antes, o que lhe causa ainda mais pavor. Bastera não enxerga nada, mas percebe quando o veículo para e, segundos depois, de novo em

movimento, dá dois pequenos solavancos. Anos mais tarde, ouvindo relatos parecidos, pesquisadores entenderam que aquela era simplesmente a passagem dos pneus por cima de uma grossa corrente à entrada da propriedade — a porta do inferno.

A Esma serviu de fachada para um dos mais mortais campos clandestinos de detenção e tortura da ditadura militar argentina. Ao todo, foram identificados 520 deles, muito acima dos campos de concentração nazistas. No início dos anos 1970, a disputa política na Argentina era marcada por sucessivos ataques de guerrilheiros, da extrema direita à extrema esquerda. Mas o pior estava por vir. O golpe de 24 de março de 1976 impôs o regime autoritário. Visava combater os movimentos populares e aniquilar os “subversivos” em sindicatos, igrejas, universidades e associações de bairro. “Nessas ocasiões, é o Estado que se torna clandestino e combate o terror com mais ▶

▶ terror. E por fora das leis, que é justamente a base do seu funcionamento. Quando o aparato do Estado está à disposição do terror, a vítima é a sociedade”, diz o historiador argentino Marcelo Larraqui.

## Choques

Basterra é levado ao porão do chamado Casino de Oficiais (*ou casa dos oficiais, veja à dir.*). Lá começam as torturas com a picana, que produz descargas elétricas. O ativista recebe choques em várias partes do corpo e é espancado. Sua família seria libertada nos dias seguintes, mas, para ele, as sessões de desespero continuariam por muito tempo. “Nos sete meses que passei na Capucha (*alojamento dos sequestrados*), a tortura física e psicológica era constante”, afirma. “Por causa da eletricidade, duas vezes meu coração parou e fiquei também com uma lesão grave na coluna.” Os interrogatórios brutais se repetiam. “Queriam saber onde guardava meu dinheiro e se tinha propriedades. Falei que morava na casa de minha mãe e depois a obrigaram a transferir a propriedade. Assim, aqueles ladrões ficaram também com a casa.”

Os sequestrados batizaram as três turmas de agressores de Alfa, Beta e Charlie, numa sequência progressiva de brutalidade. Na Capucha, os cativos eram mantidos deitados no chão, em cubículos, pés contra a parede e a cabeça voltada para o corredor. Música alta soava todo o tempo — uma das formas de terror psicológico.

“A metodologia das torturas provém das experiências dos militares colonialistas franceses, que as usaram na Argélia, na Indochina e no Vietnã como uma técnica contrarrevolucionária”, diz Larraqui. Os “opositores” (ou amigos deles, ou amigos de amigos deles) do regime argentino eram capturados e torturados por grupos clandestinos, compostos, acima de tudo, por militares, mas também por civis. Eram as chamadas *patotas*. A maioria dos sequestrados simplesmente “desaparecia”.

## Dia de sorte

Das cerca de 5 mil pessoas detidas na Esmá enquanto vigorou a ditadura, entre 1976 e 1983, somente 5% supostamente sobreviveram. Boa parte porque, como Basterra, tornou-se útil ao regime. No início dos anos 1980, a Argentina reviu seus sistemas de documentação e um oficial se lembrou da experiência do ativista social como trabalhador do setor gráfico. “É o seu dia de sorte”, ouviu ele, antes de se tornar escravo. A serviço do Estado,

## A MASMORRA

Escondido num dos edifícios do complexo da Escola de Mecânica da Marinha, o mais emblemático centro de detenção e tortura da ditadura militar argentina funcionou entre 1976 e 1983. O local, chamado Casino de Oficiais, abrigava o Grupo de Tarefa 3.3.2., que infiltrava agentes em movimentos sociais, identificava e sequestrava “inimigos” e, na maioria dos casos, eliminava-os. Na Esmá, eram oferecidos vários cursos técnicos, voltados para a carreira militar.



### 1 LABORATÓRIO DE FOTO

Muitos dos interrogados eram fotografados. Os militares mantinham fichas detalhadas de cada um. Fotos dos agentes também eram produzidas para uso em documentos falsos. Victor Basterra trabalhou como escravo preparando esse tipo de material e conseguiu resgatar parte dessas imagens.

Basterra: vítima de choques, espancamentos, achaque e escravidão

## 2 SALAS DE TORTURA

Acredita-se que apenas 5% dos presos ali tenham sobrevivido. Havia vários tipos de tortura: descargas elétricas, pauladas, tirar a pele dos pés, asfixias seca e úmida, retorcer testículos e estuprar, entre outros.



## A PLANTA

Os andares do Casino de Oficiales

Sótão

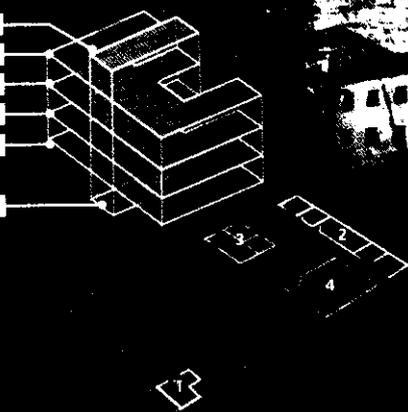
Capucha

Quartos

Quartos

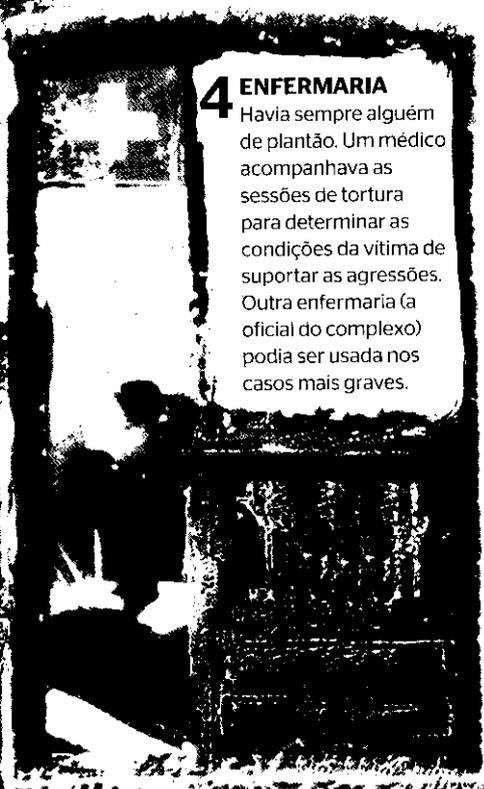
Térreo

Porão



## 4 ENFERMARIA

Havia sempre alguém de plantão. Um médico acompanhava as sessões de tortura para determinar as condições da vítima de suportar as agressões. Outra enfermaria (a oficial do complexo) podia ser usada nos casos mais graves.



## 3 SALAS DE INTERROGATÓRIO

Calcula-se que 5 mil pessoas tenham sido sequestradas e interrogadas no local. Em geral, eram mantidas encapuzadas ou de olhos vendados. Alguns dos milhares de recrutas que frequentavam a Esma eram forçados a atuar como guardas, serviam comida e vigiavam as idas ao banheiro.

## VOOS DA MORTE

A rotina semanal de execuções

Definia-se uma lista de prisioneiros que seriam "trasladados". Estavam marcados para morrer, mas achavam que seriam apenas transferidos de prisão. Enquanto esperavam, eram levados à capuchita (sótão).

Os detidos eram sedados. Adormecidos, eram conduzidos ao aeroporto e embarcados nos voos da morte: seriam atirados na foz do rio da Prata e ao mar. Corpos foram achados em Quilmes e outras praias.



ARGENTINA

Buenos Aires

...casas, as  
nuas e inconscientes ao  
mar; mais de dez por voo

## Vítimas da ditadura

mortos "oficiais"

nas contas de ONGs

► Bastera virou expert em falsificar documentos. Passaporte, carteira de motorista, registro civil e de veículos... Qualquer item útil para que os grupos de repressão pudessem atuar disfarçados dentro e fora do país — conforme ficou claro na articulação das ditaduras do Cone Sul, incluído aí o Brasil, na denominada Operação Condor.

Com o tempo, ele obteve condições ligeiramente melhores de alojamento e alimentação. O benefício podia se estender a outros cativos que "emprestavam" seus serviços como tradutores, professores universitários e jornalistas e participavam do "projeto de recuperação dos valores ocidentais e cristãos". Alguns preparavam textos para reportagens da TV oficial, outros traduziam matérias da mídia internacional ou executavam serviços administrativos.

Já no piso térreo do Casino funcionava o centro de inteligência, onde atuavam cerca de 50 militares. Ali operavam o coração e a mente do Grupo de Tarefa 3.3.2. Diferentes turmas de sequestradores agiam ligadas ao grupo, batizado segundo a área de atuação. A maioria dos ataques ocorria à noite, assim como as execuções, levadas a cabo semanalmente. Na hora da caça aos militantes, a polícia era avisada para não agir caso fosse chamada pela vizinhança.

### Genocídio

"Em países como Brasil, Equador, Uruguai e Honduras, os homicídios aconteciam aos centos. Na Argentina, foram dezenas de milhares", diz Daniel Feierstein, diretor do Centro de Estudos so-

bre Genocídios, em Buenos Aires, autor de *Terrorismo de Estado y Genocídio en América Latina* (sem edição no Brasil). "Além disso, não era uma perseguição política individualizada, mas a grupos inteiros de população, sindicais, políticos, estudantis etc. Não foi uma guerra contra um inimigo militar, nem um exercício de terror indiscriminado. Foi uma cirurgia." Segundo ele, o que aconteceu foi um genocídio reorganizador: "aniquilar uma parte para mudar o conjunto. A reorganização nacional procurava destruir os laços sociais e instalar uma nova ordem econômica e social."

Dados oficiais estimam em 14 mil os desaparecidos ou mortos pela ditadura argentina. ONGs de direitos humanos, entretanto, sustentam que o total é mais que o dobro. Nem a infância era poupada. Há registros de 300 adolescentes desaparecidos e de 500 crianças levadas com os pais, ou nascidas em cativeiro.

Na Esma, funcionava uma maternidade improvisada, que recebia mulheres de vários campos de detenção para dar à luz. Elas escolhiam o nome e escreviam cartas emocionadas aos parentes definidos para receber o bebê, apelando para que cuidassem da criança até o seu retorno. As mensagens irão para o lixo antes que elas sejam executadas, e os bebês, com nomes trocados, entregues à adoção, como Victoria Donda (*veja à dir.*). Havia inclusive uma lista de espera.

Sobraram poucas provas das atrocidades cometidas em nome da segurança nacional. Enquanto era negociada a democratização, militares e civis envolvidos tive-



## MEU NOME É VICTORIA

Nascida no centro clandestino, ela só recuperou a real identidade 27 anos depois

Adolfo Donda Tigel é réu no atual processo sobre a Esma. Teria se envolvido na morte da cunhada, Cori (mulher de seu irmão José Maria), e seria ainda cúmplice do roubo da identidade e entrega em adoção de uma de suas sobrinhas (Victoria Donda, nascida em catifeiro) e da apropriação de outra, Eva. "Minha mãe me chamou de Victoria e, por alguns dias, talvez acreditasse que meu nascimento fosse um sinal de que as coisas começavam a mudar", escreveu a hoje deputada na autobiografia

*Mi Nombre Es Victoria.* Ela se chamava Analía. Só descobriu a verdade com um exame de DNA, em 2004. Desde 2009, uma lei autoriza a obtenção compulsória de material biológico para identificar filhos e netos de desaparecidos políticos. Críticos a definiram como invasão de privacidade. "Sou a favor", diz Victoria. "Há 100 filhos de desaparecidos que foram adotados e que, anos depois, conheceram a sua verdadeira identidade. Mas há evidências de que ainda existiriam mais 400."

ram tempo de destruir e esconder documentos. São conhecidos basicamente os relatos dos sobreviventes e algumas fotos. Victor Basterra tirou as únicas imagens remanescentes do horror da Esma escondidas na cueca. "Um dia decidi — não sei muito bem por quê — esconder fotos na caixa de material fotossensível, que eles não abriam. Fazia cópias extras das fotos dos documentos falsos que fabricava e as guardava!", afirma o ativista, que ficou quatro anos e cinco meses detido. Quando a ditadura caminhava para o fim, entre 1982 e 1983, ele conseguiu, eventualmente, permissão para sair por algumas horas e visitar a família. Aos poucos, levou imagens dos militares e algumas dos detentos.

"Assim como o cego desenvolve o ouvido, eu desenvolvi a memória. E, no fim da ditadura, apresentei as fotos com os nomes e apelidos de umas 100 pessoas... Nenhuma foi condenada até

hoje", diz ele. Isso, porém, pode mudar. No início da "primavera democrática", as juntas militares foram processadas e o relatório *Nunca Más*, da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, tornou públicas, em 1984, milhares de histórias da guerra suja. Poucos meses depois de revelados segredos como os voos da morte sobre o rio da Prata e o mar, sublevações militares conseguiram emplacar as leis Ponto Final (1986), que fazia prescrever as causas, e Obediência Devida (1987), que estabeleceu diferentes responsabilidades em função do nível hierárquico nas Forças Armadas. A anistia acabou anulada e os processos retomados com dificuldade. O Alto Comando da Marinha reconheceu os crimes na Esma apenas em 2004. Três anos depois, Hector Febres, chefe da maternidade, foi julgado, mas morreu na cadeia, envenenado com cianeto, antes de ouvir a condenação. Desde o

ano passado, um novo processo colocou no banco dos réus, entre outros, Alfredo Astiz, conhecido por ter se infiltrado no grupo das Mães da Praça de Maio e Jorge "Tigre" Acosta, infame pela ferocidade com que torturava. Ele admitiu parte das acusações, mas não os roubos de bens das vítimas. Em 2004, alguns dos edifícios da Esma foram transformados num memorial e centro de promoção dos direitos humanos. O esforço para identificar e localizar os desaparecidos e seus filhos sequestrados continua. ●

saiba mais

LIVRO  
*Mi Nombre Es Victoria*, Victoria Donda, Sudamericana, 2009  
O emocionante relato de como a hoje deputada descobriu a verdade sobre seu passado.

SITE  
[www.memoriaabierta.org.ar](http://www.memoriaabierta.org.ar)  
Documentos e notícias sobre a ditadura e os desaparecidos:

